

Caro(a) cliente da Foster,

Em nossa última Carta Quinzenal (36ª edição), publicada no último dia 05, dissemos que o Brasil vivia (e ainda vive) uma realidade econômica distinta quando comparado aos Estados Unidos, à China e ao restante do mundo todo com raras exceções. Enquanto seguimos tendo revisões para cima nas projeções do crescimento do PIB nesses países, acompanhada de uma alta nos respectivos mercados acionários, no Brasil já é consenso que devemos ter uma queda do PIB no ano de 2021 quando comparado ao nível em que nossa economia se encontrava em dezembro de 2020.

Um exemplo de como estamos sendo mal-vistos pelos estrangeiros é a pesquisa divulgada pela consultora política Olga Curado, da Universidade Federal de São Carlos, que analisou 1.179 matérias sobre o Brasil em sete prestigiados periódicos internacionais (NY Times, Le Monde, El País, Der Spiegel, The Guardian, Economist e Washington Post) e concluiu que 92% destes artigos mencionaram o nosso país de forma negativa. Saudades do Zé Carioca!

Os problemas que o Brasil enfrenta (ambiental, sanitário, político e fiscal) se retroalimentam, de forma que seria justo você se perguntar: por que ainda recomendamos investir uma parcela de seus recursos na Bolsa brasileira?

Essa resposta sempre começa pela linha mestre adotada pela Foster na proposição dos portfólios para os investidores: a diversificação do patrimônio em estratégias complementares. É aí que Bolsa brasileira tem o seu papel dentro dos seus investimentos.

Além disso, há uma dicotomia difícil de se entender entre os fatos/sentimentos sobre o país e o potencial de valorização das ações de companhias brasileiras. Tal divergência é a principal justificativa para o fato de o Ibovespa estar positivo no ano.

Explicamos para você: a conjuntura de taxas de juros zero (ou até negativas) internacionalmente, a Taxa Selic caminhando para 3,5% a.a. (o que ainda garante um juro real negativo) e a facilidade com a qual as grandes empresas brasileiras podem acessar o Mercado de Capitais produzem um ambiente de negócios muito favorável para essas companhias aumentarem seu market share em seus segmentos, realizarem diversas aquisições de empresas concorrentes ou complementares, além de atrair novos setores para a Bolsa brasileira. Por último, mas não menos importante, o vento de cauda para o setor de commodities brasileiro, o qual possui grande participação no Ibovespa também explica a performance da bolsa no ano.

Muito embora o Ibovespa no fechamento de 16/04 estivesse apenas 2% acima do nível do início do ano, a cesta de empresas dos setores de óleo e gás, mineração e siderurgia registra alta de 34% no ano... Enquanto setores ligados à dinâmica doméstica da economia brasileira, como o setor financeiro, apresenta queda de 15% no mesmo período. Informações mais detalhadas sobre a performance setorial da bolsa podem ser consultados semanalmente no **Resumo Semanal de Bolsa** produzido pelo Lucas Colombo, sócio e head da Mesa de RV da Foster, e disponibilizado todo sábado para os investidores da Foster.

Quando avaliamos os dados consolidados do quarto trimestre de 2020 das empresas que compõem o Ibovespa, identificamos que 57% das empresas conseguiram crescer a receita líquida acima da inflação acumulada em doze meses. Cerca de 51% das empresas tiveram crescimento do lucro líquido também acima da inflação. E o EBITDA, uma aproximação da geração de caixa deste mesmo conjunto de companhias, cresceu 39% versus o primeiro trimestre de 2020.

Diferentemente de 2015, quando as empresas brasileiras foram pegadas de surpresa na recessão econômica e registravam um nível de endividamento muito alto (cerca de 3,5x EBITDA), desta vez o nível de endividamento consolidado deste grupo está abaixo de 2,0x EBITDA, níveis vistos pela última vez em 2012.

Nesse mesmo ano o valor de mercado de todas as empresas do Ibovespa era de R\$ 1,380 trilhões de reais. Esse número vem crescendo desde então e hoje esse valor é de R\$ 3,101 trilhões, um crescimento de 125% em 8 anos. Nesse mesmo período o índice Ibovespa teve alta aproximada de 100%.

Em resumo, o primeiro passo para ter um portfólio resiliente e com retornos consistente é a alocações em estratégias que se complementam, incluindo a diversificação geográfica na parcela de ações da sua carteira. O segundo passo é entender que as opções de investimentos atrelados ao CDI deverão seguir com rendimentos reais abaixo da inflação por pelo menos mais 12 meses. E por último, lembrar que crises políticas e a falta de crescimento do PIB, no curto prazo, nem sempre implicam que as ações irão ter um desempenho negativo.

Um grande abraço,

Equipe Foster